E se os esportistas que se dopam quisessem "fazer direito"?

Patrick Trabal

▶ **To cite this version:**

Patrick Trabal. E se os esportistas que se dopam quisessem "fazer direito"?. Movimento, 2013, 19 (4), pp.11-43. 10.22456/1982-8918.41901 . hal-01468712

HAL Id: hal-01468712
https://hal.parisnanterre.fr/hal-01468712

Submitted on 20 Nov 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

E se os esportistas que se dopam quisessem "fazer direito"?**

Patrick Trabal[*1]

Resumo: Este artigo se apresenta como uma contribuição para a sociologia do doping, propondo uma nova abordagem. Trata-se, em primeiro lugar, de expressar reservas sobre a sociologia que reduz as práticas de dopagem às decisões individuais ou as consequências de jogos de dominação, para assumir a complexidade e variabilidade, convidando-o a tomar como sujeito às incertezas dos atletas e as discussões coletivas que realizam. Além disso, propomos uma metodologia proveniente das últimas avanços da sócio-informática, para analisar 244.417 mensagens deixadas por usuários em listas de discussão. Este estudo ajuda a entender como os atletas podem duvidar mobilizar alguns recursos para aumentar sua incerteza, discutir, desacreditar seus oponentes, especialmente quando são médicos. A última seção apresenta algumas sugestões e perguntas sobre a possibilidade de construção de uma nova metrologia para captar mudanças nas práticas de doping.
Palavras-chave: doping em esportes. Informática. Sociologia.

1 INTRODUÇÃO

Os esportistas que se dopam agem de "qualquer jeito"? A relação dos esportistas com a racionalidade e o grau de liberdade que a literatura lhes dá é abordada de maneira contraditória. Nossa investigação junto a agentes de prevenção mostra que muitos desses agentes consideram sua missão mais como uma necessidade de informar o público sobre os perigos do doping e sobre a legislação

---

**Tradução de Patrícia C. R. Reuillard (UFRGS), do original Et si les dopés voulaient "bien faire"?

*Groupe de Sociologie Pragmatique et Réflexive. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Paris, França. E-mail : patrick.trabal@u-paris10.fr

[1]Agradeço a Olivier Le Noé pela releitura atenta deste texto e pelas discussões interessantes que esses comentários ensejaram. Desejo igualmente agradecer a Charles-Eric Adam, CédricDechef e Henrique Rodas, que me ajudaram muito na análise do material empírico.

do que promover uma reflexão ética. As mensagens contidas nos testes de conhecimentos, cartazes e outros instrumentos de prevenção visam, mais ou menos explicitamente, a atenuar um suposto déficit de informações. As pessoas se dopam sem dúvida por não terem conhecimento.

A menos que tais esportistas tenham um grande poder de cálculo, posição defendida igualmente pelos especialistas em prevenção. Em certas mensagens de prevenção, pode-se encontrar a *mise* em *scène* - analisada forçosamente em termos muito críticos - de um esportista envolvido em jogos de interesse. Também se vê essa propensão a reduzir a decisão de se dopar a um espaço de cálculo em certos pesquisadores, principalmente das Ciências Sociais. Em Sociologia, pesquisadores que trabalham sobre o doping contam com várias tradições que abordam a racionalidade do ator. Alguns estudiosos veem no esportista uma capacidade de se reportar a modelos probabilísticos antes de decidir ou não pelo doping. O texto de Luc Collard considera "uma situação esportiva que aceita o doping" (COLLARD, 2002) como uma figura do tipo "dilema dos prisioneiros". Servindo-se da teoria dos jogos, seu cálculo probabilístico e suas conclusões repousam sobre a hipótese de que o esportista seria capaz de associar um índice de satisfação à sua escolha relacionada ao doping e a suas performances.

As posições são muito variadas: há autores que descrevem as práticas dopantes como resultado de um "desejo de eternidade" e insistem sobre as coerções que pesam sobre os esportistas por uma determinada cultura ou subcultura (BODINET *et al.*, 2005); outros, sobre uma necessidade fisiológica ligada à própria atividade (BRISSONNEAU, 2003, BRISSONNEAUET *et al.*, 2008), que pode levar a um "ato racional em um mundo 'extra-ordinário'" (BRISSONNEAU;BUI-XUAN-PICCHEDDA, 2005), marcado pela racionalidade do gesto esportivo (BRISSONNEAU,2007); outros, ainda, ressaltam o quanto esses atletas são levados a integrar uma *hexis* corporal (GUASPARINI, 2004). Para as raras abordagens que tomam por objeto a prática em si e não suas representações e significações sociais, o esportista pode ser, portanto, um ignorante

que não se dá conta do que faz, um extremo calculista que só decide se dopar após uma longa reflexão, um indivíduo pressionado por coerções sociais que o obrigam a agir assim, ou então uma pessoa movida por "desejos" que subsumiriam tudo.

Nosso propósito não é julgar as oposições entre esses diferentes autores, pois acreditamos que as práticas dopantes são particularmente variáveis, não somente, como defenderia uma tradição sociológica, em razão das "disposições" que caracterizam uma categoria social, um esporte ou um nível de prática, mas também devido às diferentes trajetórias dos esportistas. Desse modo, depois de ter evidenciado a importância de incluir as tensões ligadas a coerções morais (DURET; TRABAL, 2001), sugerimos tomar como objeto as "configurações do doping" (TRABAL *et al.*, 2006; LE NOÉ; TRABAL, 2008), que permitiam analisar tais práticas na temporalidade. Assim, a descrição de uma configuração permite considerar o uso de produtos em relação ou não com a série anterior do esportista, sua análise da situação, suas eventuais projeções com, às vezes, uma possibilidade de reversibilidade. Isso significa, principalmente, evitar hipóteses muito densas sobre a racionalidade do esportista que se dopa, sua irresponsabilidade, sua propensão a se adequar a normas de uma cultura ou subcultura, a fragilidade de suas margens de manobra em relação às coerções econômicas... Pensamos que um mesmo esportista pode ser bastante racional em certos momentos e muito pouco em outros (por exemplo, por ocasião de um doping festivo), encontrar-se envolvido em imperativos ligados às lógicas esportivas, econômicas, morais, mas capaz, em certos momentos, de se libertar disso; ele pode ser apegado aos valores de um grupo, cultura ou subcultura, mas capaz, se necessário, de deixá-los de lado em certas situações. Em nossa pesquisa sobre as temporalidades do doping (TRABAL *et al.*, 2006; LE NOÉ; TRABAL, 2008), evidenciamos um modelo com algumas configurações a partir de uma série de entrevistas. Tratava-se consequentemente de determinar, através dos relatos, situações articulando uma série de entidades com formatos de ações e de julgamento marcados por uma temporalidade. Esses depoimentos são afetados pela própria temporalidade do relato (RICŒUR, 1983,

1984, 1985) e nos pareceu pertinente trabalhar a partir de um material mais ecológico para apreender a construção do julgamento. Nessa perspectiva, as discussões nos fóruns eletrônicos revelam raciocínios e debates sobre o que não é razoável, argumentos e experiências.

2 UM MATERIAL DIFERENTE E A NECESSIDADE DE UMA METODOLOGIA ORIGINAL

A análise das práticas de doping cria um duplo desafio para o sociólogo: de um lado, a questão do nível adequado de descrição; de outro, a questão correlacionada dos meios para atingir essa meta. Sobre este último ponto, clássico quando se pesquisam práticas proibidas, pode-se imaginar o tamanho das dificuldades, examinando os métodos habituais empregados pelo sociólogo para apreender práticas sociais e sua fragilidade para captar o doping[2].

Recorrer ao questionário para quantificar as práticas ou as condutas dopantes é um método frequente em certos autores que trabalham sobre a questão do doping e atende a um propósito epidemiológico. Inúmeros sociólogos já apontaram os problemas ligados a essa "coleta de dados". Essa expressão sugere que basta reunir algo "já presente", ao passo que, na verdade, os "dados" não são particularmente "dados", pois resultam de um trabalho sociológico, baseado em um dispositivo de controle (a declaração dos indivíduos é "colhida" a fim de ser codificada nas respostas do questionário) e de equivalência. Independentemente da qualidade dos questionários empregados e das categorias estabelecidas pelo pesquisador, permanece uma tensão, particularmente chamativa na questão do doping, "entre as exigências da qualificação que precede qualquer classificação e as resistências da matéria a ser classificada" (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991, p. 12). Em outras palavras, a operação que associa uma conduta, um consumo ou uma prática a uma categoria ("adicto", "consumidor", "dopado", etc.) não é neutra. Assim, o resultado deste trabalho dificilmente pode ser tomado como

[2]Retomamos aqui alguns dos elementos de um artigo inicial do programa de pesquisa de nossa equipe Ciências Sociais e Doping (TRABAL, 2002).

"dados". Isso não impede que os responsáveis pela luta antidoping os considerem como a principal fonte de informação sobre as práticas dopantes. Quer se baseiem em estatísticas de controles antidoping positivos (diretamente indexadas, neste caso, à política de controle e à qualidade dos instrumentos de detecção de moléculas indicadas *a priori* por quem solicita o controle), em operações de codificação das entrevistas telefônicas com disque-grátis[3*] ou em indicadores como os barômetros de saúde do Instituto francês de Prevenção e de Educação para a Saúde (INPES)[*], que partem de questionários e dispositivos de codificação discutidos pelos próprios estatísticos[4], todos esses "dados" podem ser desconstruídos, isto é, submetidos a uma análise que revela seu vínculo estreito (demais) com as intenções daqueles que os produzem. Entretanto, essas informações continuam sendo muito úteis, pois seu caráter quantitativo e sua reprodutibilidade permitem transformá-las em indicadores que possibilitam o acompanhamento das evoluções do fenômeno, dos alertas que incitam ações, das avaliações de políticas públicas. Porém, o ganho obtido com essa adequação às expectativas políticas não deveria dispensar o questionamento sobre o emprego de artefatos pouco analisados.

As outras ferramentas do sociólogo também apresentam dificuldades. O trabalho com entrevistas certamente permite uma análise mais acurada na medida em que as práticas dopantes são, acima de tudo, restituídas pela língua. Ela permite descrever experiências sem sofrer codificação prévia e foi recentemente utilizada em várias pesquisas. Em sua tese, Brissonneau (2003) oferece um corpus tão interessante quanto raro de entrevistas com

---

[3]Já indicamos aos responsáveis deste dispositivo que as operações de codificação da equipe de psicólogos alteravam, em suas retranscrições, as possibilidades de uma análise do material discursivo, que seria entretanto mais rico do que aquelas realizadas a partir dos "dados" diretamente postos em variáveis. A objeção, totalmente aceitável, lembra os compromissos deontológicos ligados à falta de informação sobre a gravação das conversas; além disso, se houvesse tal aviso, certamente as expressões espontâneas dos questionamentos referentes ao doping seriam refreadas.

[4]Referimo-nos principalmente aos trabalhos de Desrosières (1993), que, após ter levantado a história das estatísticas, convida, na conclusão, a "discutir o indiscutível".

*São os códigos 0800 no Brasil. (N. de trad.)

*Os barômetros de saúde são um observatório dos comportamentos dos franceses, criado pelo INPES, para orientar as políticas de saúde pública. (N. de trad.)

esportistas que se dopam. Seus trabalhos mais recentes também se baseiam em relatos, possibilitados por sua própria experiência de esportista de alto nível (BRISSONNEAU *et al.*, 2008, 2009). Sébastien Buisine complementou suas próprias entrevistas com a análise de uma longa série de autobiografias de ciclistas, acompanhadas de depoimentos desses esportistas (BUISINE, 2009, 2010). Enfim, nossa equipe realizou uma pesquisa (TRABAL *et al.*, 2006) para a Missão Interministerial francesa de Luta contra as Drogas e a Toxicomania (MILDT), analisando um corpus de entrevistas para determinar as temporalidades do doping. Além da análise desse material - retomaremos essa questão mais adiante -, também a constituição de tais corpora é particularmente custosa. Ela repousa sobre uma campanha de entrevistas e, portanto, no fundo, sobre a capacidade do pesquisador para convencer os indivíduos a "falarem" e para "fazê-los falar", também nesse caso se pode objetar a criação de um artefato, mesmo julgando que ele é menos incômodo do que um questionário, visto que a situação de entrevista dá uma maior liberdade para manter distância das intenções do entrevistador. Ou se fundamenta em um material ecológico, como o corpus de autobiografias analisado por Buisine (2009, 2010). Em ambas as situações, permanece a dificuldade de captar a dinâmica presente na construção do julgamento, pois o relato se revela como uma forma particular da temporalidade na qual se reconstrói o julgamento.

Enfim, a observação, outro método clássico em Ciências Sociais, é impossível quando não se conta com uma posição particular que permita testemunhar as práticas sob análise. Existem algumas tentativas interessantes (PERERA, 2010), cuja qualidade heurística é bastante variável. Mas, independentemente do interesse e da utilidade desse tipo de pesquisas que revelam relações complexas nas interações em um grupo esportivo, é difícil captar a construção do julgamento em ação quando não pertencemos ao meio e, ao mesmo tempo, fazer inferências e abarcar a realidade do doping.

Nossa proposta é analisar conversas dos fóruns da internet. Esse material apresenta diversas vantagens:

- parece possível processar grandes quantidades de dados extraídos de um material ecológico, ou seja, não diretamente submetido aos artefatos dos pesquisadores, visto que é nesses espaços definidos pelos próprios atores sociais que eles expressam livremente suas experiências de doping - ou suas dúvidas, suas intenções de recorrer a essas substâncias e métodos.

- Pode-se avançar na busca dos efeitos e usos dos produtos e métodos, baseando-se nas experiências trocadas nesses fóruns. Basta uma leitura rápida de alguns tópicos para se convencer, não sem surpresa para alguém não habituado a esse tipo de consulta, da espontaneidade dos internautas quando eles depõem - anonimamente, é verdade - acerca do próprio corpo, dos sofrimentos e satisfações que ele lhes proporciona, numa intimidade geralmente característica das relações privadas.

- Enfim, as mensagens dos internautas mencionam numerosos fatores determinantes que explicam sua relação com o doping. Quer se trate de fracassos esportivos, de vontade de progredir, de questionamentos sobre os perigos, das "razões" para iniciar ou suspender um tratamento, de "alertas" e até mesmo de críticas, os depoimentos frequentemente apresentam indicadores variados que se pode examinar para apreender o grau de racionalidade e os jogos de coerções na construção de seu julgamento.

Por essa razão, a análise desse material constitui uma pista heurística para compreender melhoras práticas dopantes, principalmente quando os sujeitos exprimem o que é um problema e o que não é. Porém, a condução desse projeto levanta duas dificuldades: o esclarecimento do status de nosso material e os modos de analisá-lo.

A primeira dificuldade geralmente se formula como a crítica de que se analisariam apenas "discursos"; já suspeitos de estarem

desconectados da realidade, estes seriam ainda menos críveis quando circulam na internet, devido sem dúvida à divulgação maciça nesse meio de informações errôneas, notícias falsas e outros boatos. Na verdade, nossa proposta visa a analisar os depoimentos sobre certas práticas, os comentários sobre a atualidade esportiva ou sobre decisões oficiais e suas críticas, os jogos de expertise e os processos de autenticação, para captar a maneira como os internautas entendem o verdadeiro e o falso, o real e o possível de suas práticas. Nesse método de pesquisa, trata-se mais de apreender como os participantes de uma discussão mobilizam argumentos, experiências pessoais (DULONG, 1988) para convencer ou provar (ROSENTAL, 2000) uma verdade sobre uma prática, um produto, um material de musculação, do que estabelecer a verdade das informações trocadas. De fato, não é suficiente considerar esses discursos qualificados de "virtuais" como se estivessem fechados em um mundo hermético. Existe, na verdade, uma relação mais sutil entre o mundo "real físico" e o mundo "real virtual", na medida em que ele revela depoimentos sobre experiências dos membros de um fórum. Eles trocam informações entre si, que produzem efeitos devido à sua relação com o mundo sensível, a uma confissão de suas práticas, e que têm, portanto, uma incidência sobre o mundo real.

Essa intenção se nutre de uma série de trabalhos iniciados na década de 1990 sobre uma sociologia da expertise (DODIER, 1993), da percepção (BESSY; CHATEAURAYNAUD, 1995) e da argumentação (CHATEAURAYNAUD, 2011), que lançam luz sobre experiências individuais e coletivas de percepção e de acordos sobre essas experiências. Retomando a questão clássica da relação entre a matéria e a percepção, são descritas as maneiras como os atores fazem emergir o mundo real em seus discursos a partir de experiências sensíveis e/ou instrumentais em um corpo-a-corpo ou em um corpo-a-objeto com o real físico para construir um julgamento e defendê-lo publicamente.

Além disso, esses textos também manifestam representações coletivas. Isso é típico quando um indivíduo pergunta sobre os efeitos

de um produto ou de um programa de treinamento. Constata-se com frequência a manifestação de um temor ou de uma projeção sobre as consequências sanitárias ou jurídicas a longo prazo. Porém, de modo mais amplo, são, sobretudo os julgamentos morais e os julgamentos de valores que contêm uma forte carga social e crítica. Pode-se, por exemplo, afirmar que o treinamento puxado é mais nocivo para as mulheres do que para os homens, ou seja, que se dopar é pior para uma mulher do que para um homem, ou pior para um adolescente do que para um profissional. Portanto, são essas representações coletivas que podem ser identificadas a partir dos tópicos de discussão.

Resta superar a segunda dificuldade, que mostra os tipos e as coerções do processamento desse material. As últimas contribuições da sociologia informática[5] fornecem ferramentas para analisar corpora volumosos, principalmente o software Prospéro. Não detalharemos os princípios epistemológicos dessa ferramenta[6], mas cabe sem dúvida esclarecer que ela visa mais a acompanhar o pesquisador em sua investigação do que a lhe fornecer uma prova decisiva. Retomando trabalhos de filósofos da linguagem, como Gadamer, os autores do software observam que não há textos sem leitor e leituras sem interpretação. A ferramenta funciona a partir deste princípio: permite ao pesquisador pôr à prova suas interpretações e o acompanha em seu raciocínio sociológico.

Nessa perspectiva, como todo material textual, a análise desses fóruns com o software passa por uma série de codificações que visam a testar nossas intuições. Todavia, essa língua particular que os internautas empregam, marcada por inúmeras abreviações, erros ortográficos e gramaticais, que a aproximam às vezes da linguagem SMS, demandou uma indexação trabalhosa, descrita em um relatório disponível on-line (TRABAL *et al*., 2010).

---

[5]Desenvolvidas principalmente em http://socioargu.hypotheses.org/

[6]São muito desenvolvidos pelo autor do software (CHATEAURAYNAUD, 2003). Para mais informações sobre essa ferramenta, reportar-se a Trabal (2005) e a Torny e Trabal (2006).

Numa pesquisa feita para o Ministério dos Esportes da França, analisamos três *sites*[7] e extraímos 244.417 mensagens que figuram nas rubricas "doping" ou em tópicos onde essas questões são abordadas.

3 OS ESPORTISTAS SE QUESTIONAM

Diferentemente de outros softwares destinados a analisar material textual, Prospéro não visa à totalização do corpus, mesmo que se possam utilizar ferramentas lexicométricas para oferecer algumas representações. Agrupando todas as formas gráficas de produtos dopantes bastante conhecidos, isto é, levando em conta a variedade de designação (pode-se falar de esteroides, de bomba*, de nomes comerciais e de seus diminutivos[8]), pode-se estabelecer um quadro como este:

Quadro 1 - Produtos dopantes

	Doctissimo	PlaneteMuscle	Onlinetri	Total
TESTOSTERONE@	1754	969	434	**3157**
STEROÏDES@	958	214	149	**1321**
INSULINE@	207	769	337	**1313**
EPO@	53	50	1119	**1222**
ANABOLISANT@	547	236	92	**875**
DIANABOL@	844	0	0	**844**
SUSTANON@	670	5	0	**675**
EPHEDRINE@	251	277	82	**610**
CLENBUTEROL@	430	40	116	**586**
SIBUTRAMINE@	554	2	0	**556**

Fonte: Dados da pesquisa do autor

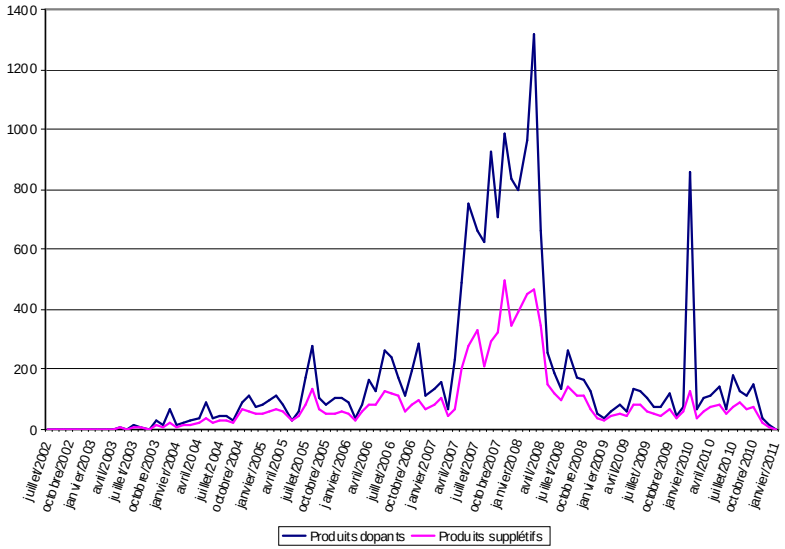
[7]Para atender a um critério científico de variação e, igualmente, a preocupações com a prevenção do doping, escolhemos um site generalista (doctissimo.fr), um site de culturismo (planete-muscle.com) e outro dedicado ao triatlo (onlinetri.com). Os três em francês. As ferramentas desenvolvidas permitem incluir outros sites. Também é possível trabalhar com sites de outras línguas, mas isso requer muito trabalho de indexação, pois, embora o software funcione em inglês, espanhol e, em breve, em português, é preciso levar em conta os modos de expressão dos internautas nessas línguas.

[8]Esse tipo de operação é submetida a uma série de interpretações. O resultado equivale a criar um "ser fictício" no vocabulário do software, visando a reunir todas as formas gráficas que indicam uma determinada entidade. Por convenção, ela aparece com o sinal @ para marcar que se trata de uma operação de agrupamento por iniciativa do pesquisador.

*Em francês, stéro ou roro. (N. de trad.)

Uma outra forma de representação da ocorrência de produtos dopantes e de suplementos[9] pode consistir em evidenciar o desenvolvimento temporal dessas coleções de produtos.

Gráfico 1- Substâncias dopantes/suplementos versus tempo (jan. 2002 a jan. 2011)



Fonte: Dados da pesquisa do autor

Para além da interpretação desse gráfico, que mostra uma intensificação das conversas em determinados momentos e que poderia, assim, fornecer indicadores úteis para os encarregados da prevenção - retomaremos essa questão -, a análise sociológica pode descartar uma abordagem lexicométrica e se focar em alguns aspectos que permitem captar o conteúdo dessas conversas sobre o doping.

Após a discussão iniciada neste texto, propomos analisar mais especificamente as dimensões sociocognitivas a fim de examinar a

[9]Agrupar todas as formas gráficas sob a expressão "substâncias dopantes" ou "suplementos" significa novamente fazer interpretações. Baseamo-nos, para isso, no sitedoping.com. Esse tipo de agrupamento, que indica, neste caso, uma lógica taxionômica, leva à criação de "coleções" no vocabulário de Prospéro.

pergunta feita na introdução: como os esportistas se interrogam quando consideram tomar "alguma coisa", ou quando outros lhes pedem conselhos?

O relatório que originou este artigo (TRABAL *et al*., 2010) mostra bem os temores, as dúvidas e outras formas de incerteza. A busca de segmentos com o software permite varrer todos os enunciados que comportam questionamentos. Em francês, isso pode se concretizar por expressões verbais ("eu me pergunto se"...), por marcadores, como o ponto de interrogação, por entidades, como "questão", "dúvida", por construções particulares (por exemplo, a inversão do verbo e do sujeito: "pode-se...?"). Na língua dos fóruns, tivemos de revisar essas regras linguísticas e complementá-las com os *emoticons* (por exemplo: , ,…). O exame sistemático dessas formas indica várias interrogações e ficamos surpreendidos com a grande diversidade de preocupações dos autores das mensagens de nosso *corpus*.

Podem ser preocupações sobre a natureza dos controles. É verdade que aparecem várias questões sobre os dispositivos antidoping para saber se este ou aquele produto é procurado, se é detectável e sobretudo a partir de que limite. Também são encontrados depoimentos em que as pessoas indicam seu consumo (em geral, policonsumo) de produtos dopantes ou entorpecentes (frequentemente, maconha) após um controle, tentando avaliar a probabilidade de acusarem positivo para o doping. Às vezes, não é a lógica esportiva que está em questão, mas a medicina do trabalho: é possível que o patrão fique sabendo que o empregado utiliza produtos?

Porém, algumas preocupações surgem antes mesmo do uso dos produtos. Por exemplo, um internauta considera tomar uma substância, informa sua composição e pergunta:

Olá, comprei um produto chamado "No. 1Protein" da Biotechnutrition, eis a composição deste produto; como posso saber se isso é dopante?...[10]

[10]http://forum.doctissimo.fr/forme-sport/dopage/dopant-sujet_595_1.htm#t5458

E após informar toda a composição do produto, ele indica o link para uma descrição mais completa de sua última compra.

As compras de produtos na internet originam inúmeras perguntas, que podem ser sobre a natureza do produto em relação à regulamentação, o preço (encontram-se mensagens próximas de discussões de consumidores que expressam sua satisfação ou crítica após a compra de um computador, de uma serra elétrica ou de um refrigerador), os usos e posologias. Essas conversas são então marcadas por uma tensão entre considerações sanitárias e aumento da performance. É a ideia de uma busca de otimização que parece estruturar as discussões. Para alcançar um determinado resultado, qual o mínimo que se deve tomar? A partir de que limite passa a ser realmente perigoso?

Examinam-se então longas listas de patologias, de efeitos indesejáveis, de males diversos com o auxílio das ferramentas do software[11], programas de treinamento, regimes relacionados com os "tratamentos". Existem maneiras bem estabelecidas de relacionar esses diferentes registros (cf. infra), mas parece-nos importante insistir, acima de tudo, sobre o debate, sobre os duelos argumentativos e sobre a propensão dos internautas a fazer investigações coletivas.

Para ilustrar nossas afirmações, propomos a descrição de algumas sequências.

A primeira delas pode ser descrita como um pedido de conselho, que recebe três respostas convergentes:

> - jeanclouds: Olá, faço musculação natural há um ano, mas estou progredindo mais agora, aumentei 16 kg, estou pensando em tomar pós e topei com essewhey, que parece bem bom, pelas opiniões que colhi: http.***eu me pergunto se esse pó pode detonar meus rins, vocês, que são profissionais, o que acham? E acrescentando creatinapH: htpp***, os 2 são compatíveis? Quero principalmente continuar progredindo.

[11]Em francês, podem ser identificadas todas as identidades X que aparecem em fórmulas do tipo "mal de X", "problema de X"...

-trenboman: o primeiro é uma proteína e não é perigoso, é alimento; além disso, é uma super marca, eu uso há muitos anos

O segundo é uma mistura inútil de proteína e creatina, pois você já tem em primeiro lugar a proteína, então tome apenas a creatina kre-alcalina.

- mescmuscle: pode esquecer a creatina, isso não serve de nada e antes de comprar pós, melhore sua dieta, é o mais simples e mais barato, e com esses suplementos é preciso beber água regularmente.

- antrox: mesmo sem suplemento, é bom beber muito, mas principalmente com esses pós. Como diz mm92, a dieta antes dos pós[12].

O segundo tópico aparece originalmente em outro site[13], mas figura integralmente em nosso corpus por meio de inúmeras citações. Ele gira em torno da pergunta de um internauta que admite que se dopa e busca informações precisas:

- satanabolix: Olá. Não apresento nenhum caso patológico. Eu preciso de uma opinião médica sobre uma questão relativa ao doping. Tenho 25 anos. Fiz um check-up recentemente e meu estado de saúde geral é satisfatório. Sem nenhum problema, sem antecedentes médicos. Eu me injeto anabolizantes durante 8 semanas:

300mg de nandrolona por semana

250mg de enantato de testosterona (=androtardyl) por semana

==>2 injeções por semana (altas doses de produtos)

Consumo 160g de proteínas como suplemento à minha alimentação normal (constituída de 5 refeições diárias).

[12]http://forum.doctissimo.fr/forme-sport/dopage/mauvais-comme-produit-sujet_349_1.htm

[13]http://www.atoute.org/dcforum/DCForumID5/3123.html

> Consumo magnésio para controlar uma deficiência devido às proteínas e ao zinco (por causa da taxa elevada de testosterona).
>
> Não tomo antiestrógenos, faço esse tratamento uma vez por ano (é a 3ª vez), nunca tive ginecomastia.
>
> Ao final do tratamento, retomo minha vida normal sem nenhum suplemento. Não fumo. Não bebo. Faço muito esporte, ao menos 5 vezes por semana, diferentes tipos, sobretudo anaeróbico. O que vocês acham do meu caso? Que patologia posso desenvolver se esses "tratamentos" se tornarem anuais? Essas doses lhes parecem abusivas (posologia "esportiva")? Acham que é uma questão de prazo para o aparecimento de certos distúrbios? Espero receber respostas médicas, de profissionais.

O primeiro a responder será um médico, dizendo-lhe com humor que, se ele não sofre de nenhuma patologia, ele não vê a utilidade da injeção de anabolizante. E se pergunta quem é seu fornecedor. O esportista responde alguns dias depois:

> Não, meu apelo aos anabolizantes não é terapêutico. Não sou um caso isolado: isso se chama doping. A utilização dos anabolizantes desviados de seu uso terapêutico tem uma utilidade SIM!
>
> Não é complicado compreender e eu me surpreendo que a pergunta venha de um médico!? O organismo tem limites, nossa capacidade de fixar os aminoácidos tem limites. A testosterona, a nandrolona aumentam os limites devido ao seu efeito sobre o anabolismo. Injeções e aportes proteicos elevados permitem aumentar a energia do esportista (síntese ATP, mais glóbulos vermelhos, capacidade de treinamento e de recuperação maiores, aumento da massa muscular). Recorre-se a eles em muitas atividades, mesmo que você não veja sem dúvida isso em seus pacientes, principalmente se for clínico geral. Discuti o assunto com um médico do esporte, que não ficou espantado com meu ponto de vista e que não considerou a posologia "esportiva" de que falei na mensagem anterior particularmente alta.

> No entanto, a título terapêutico, as injeções são da ordem de 25mg a 50mg por mês. No âmbito esportivo, chega-se a níveis largamente superiores, sei de indivíduos que se injetam até 500mg de testosterona por dia! (muito superior à posologia recomendada para os tratamentos veterinários bovinos, por ex.!).
>
> Minhas fontes de informação são principalmente usuários desses produtos, provavelmente abusivos. É difícil se informar na literatura médica quando não se é médico. Por isso, meus questionamentos sobre os efeitos a longo prazo e as perguntas da mensagem anterior. Não me preocupo muito com a toxicidade desses produtos, que, via injetável, são relativamente bem eliminados pelo organismo (contrariamente aos produtos via oral, que não são mais encontrados na França e que são devastadores!). Mas principalmente com o possível "encolhimento" da duração de vida do usuário. Em relação às doses que mencionei, em que medida exatamente nossos órgãos internos são afetados?

Na sequência do tópico, intervêm tanto vários esportistas confessando que se dopam - alguns falam, aliás, de problemas de saúde, às vezes ligados a suas práticas de doping, às vezes anteriores - quanto médicos. Muitos deles, esgotando seus argumentos, acabarão tratando os esportistas que recorrem a esses produtos de "imbecis", "panacas" ou outros adjetivos pejorativos.

O último tópico que desejamos discutir começa, como frequentemente ocorre, com uma pergunta:

- manboo: Estou curioso para saber se a l-carnitina é considerada doping... Li muitos artigos e não chego a uma conclusão... Obrigado.

As primeiras respostas levam a uma reformulação da pergunta e a uma resposta negativa:

> - andybibi: a glucose é mais um produto dopante do que a carnitina.
>
> - manboo: é engraçado, mas essa resposta não me ajudou... Na verdade, quando se faz esporte de

competição e se toma carnitina... isso pode dar problema de doping? Obrigado.

- andybibi: acho que não, pois nunca foi provada nenhuma eficácia.

- manboo: ah, obrigado. Eu estava confuso, pois li num outro fórum que um médico disse a alguém que sim... E também li que é uma substância proibida na França... mas tem na minha farmácia...kkk o que pensar? kkkkkk

- mecmuscle 92-93: que teu médico é um imbecil, ele pode voltar a estudar.

Após uma troca de brincadeiras, Manboo retoma a discussão, reformulando sua pergunta inicial; o debate recai sobre sua utilidade. Outro internauta "defende" a utilidade do produto, mas é rapidamente contestado:

- winstroltabs: a l-carnitina aumenta a concentração durante o esforço, ela permite utilizar as gorduras mais facilmente pelas mitocôndrias.

-yeut: os estudos mostraram que esse suplemento é totalmente inútil... No caso da pseudo utilização facilitada das gorduras, é como pôr mais gasolina em um carro, achando que ele irá mais rápido. 100% inútil...

Essa resposta encontra consenso, mas não se fica sabendo se satisfez ou não o primeiro internauta, pois, até o momento em que escrevemos estas linhas, ele não se pronunciou. Mas outra dessas interrogações sobre a situação paradoxal da venda de um produto proibido em farmácia recebe um início de solução; a investigação prossegue e elementos mais técnicos acabam surgindo.

- boypumping: Esclarecimento muito importante, a l-carnitina vendida por qualquer marca não consegui, pois isso é impossível. A l-carnitina pura derrete a cápsula e, para mantê-la, ela é cortada com pó neutro, em geral, é 50/50. Alguns laboratórios fazem com 20/80. Tentar encontrar uma marca confiável e multiplicar as doses por 2 simplesmente.

Algumas farmácias podem quebrar o galho com l-carnitina pura, vendida em caixa.

- nico-hhh: totalmente de acordo, com a Vachett, a carnitina é um aminoácido do corpo, é como aqueles que dizem que a creatina é doping, então, suspendam a carne e o peixe, pois eles têm carnitina.

A carnitina funciona bem em uma dieta de emagrecimento como suplemento, enfim, depende da morfologia da pessoa, para alguns não faz efeito nenhum.

- Tiguada: o autor de um livro de musculação diz que é eficaz para mais ou menos uma pessoa de 20%MG e mais eficaz para as mulheres, mas nisso também as opiniões divergem.

- Shureido: **Carnitina, a face oculta...**

Muitas pesquisas aprofundadas permitiram revelar a verdade. Não queimando os pneus deselegantes dos esportistas gulosos, parece que os músculos seriam preferidos aos ácidos graxos. Essa molécula estrela perdeu portanto o status de "queimadora de gorduras" por causa da legislação francesa dos produtos dietéticos.

Em uma experiência de campo recente com dois grupos de esportistas em situação de hipoglicemia que receberam ou carnitina ou um placebo, não se observou num primeiro momento nenhuma diminuição significativa das reservas de gordura, mas se notou, em um segundo momento, uma degradação acentuada dos aminoácidos orgânicos (elementos constitutivos das proteínas), originando uma fraqueza da estrutura muscular e levando a uma perda de peso, ou, antes, de massa magra (músculos).

Entre a primeira pergunta, postada em 21 de fevereiro de 2009, e a última resposta, de 9 de maio de 2011, de Shureido - que ostenta um "*doctinauta* de honra"*, que qualifica os membros mais prolixos do fórum -, passaram-se mais de dois anos.

Em um primeiro nível, esses tópicos de discussão demonstram que os esportistas desses fóruns se preocupam em "fazer direito". É verdade que eles buscam o desempenho, mas frequentemente se inquietam com as consequências sobre a saúde. É possível melhorar sem se colocar em perigo? Alguns se preocupam também com as patologias e os problemas que suas práticas dopantes poderiam provocar. As respostas de certos internautas, particularmente as dos médicos presentes nesses fóruns, parecem descompassadas. Eles não param de dizer, de repetir de formas variadas a mesma "verdade", a de que isso é perigoso. Um grande mal-entendido opõe os que pedem fatos precisos para autenticar e entender a natureza exata do perigo e aqueles que não podem ou não querem dá-los.

Por outro lado, essas conversas indicam momentos de "provas", no sentido dado pela sociologia pragmática, de ações que podem potencialmente provocar mudanças de estado (CHATEAURAYNAUD, 1991). Os status (ser médico ou não, ter grande experiência esportiva, etc.) não determinam definitivamente o alcance de um argumento. Afirmar que uma determinada prática é perigosa, declarar que um fato é cientificamente provado ou ilustrar com um caso podem, às vezes, receber aprovações vigorosas, mas também podem levar a responder um pedido de explicitação do perigo em termos mais técnicos, a dar as referências dos artigos ou livros considerados autoridade no assunto, a fornecer estatísticas sobre o número de casos.

As desqualificações ("imbecil", "inconsciente", "panaca"...) indicam um desejo de abandonar o debate e, ao mesmo tempo, uma

*Para receber o status de doctinauta de honra, o mais elevado, é preciso ter postado 50.000 mensagens no site Doctissimo.fr, que contém informações sobre saúde e bem-estar. (N. de trad.).

declaração de impotência, já que os argumentos defendidos, no caso, não "têm alcance"[14]. Os autores dessas desqualificações, vistas como "agressões", são vistos como pessoas que dão moral, partidários de uma ética um tanto distante da busca pragmática do desempenho e da realidade do esporte. O que se critica não é tanto o fato de o argumento se basear em considerações morais ou políticas (mesmo que isso aconteça às vezes), mas o apelo a dimensões axiológicas quando os esportistas que se dopam (ou suscetíveis de fazê-lo) pedem esclarecimentos científicos sobre os produtos, suas posologias, seus efeitos sanitários.

Quanto a isso, parece-nos que esses fóruns enriquecem a discussão sobre a racionalidade dos esportistas que se dopam. Mesmo sem poder afirmar que certas práticas dopantes acontecem de maneira totalmente inconsciente, percebe-se com bastante frequência a vontade de "fazer direito" ou, em todo caso, de se questionar sobre os produtos que se pensa tomar. Por essa razão, julgamos pertinente levar a sério essas interrogações, considerando-as como espaços possíveis para a prevenção, sem se posicionar sobre a pertinência das desqualificações.

Quando os internautas não são confrontados a pessoas que reivindicam um saber, assiste-se a conversas que visam a buscar os conhecimentos disponíveis para eliminar as incertezas. As informações colhidas podem convergir e pode surgir uma certa estabilidade, que se manifesta por conselhos. É o caso do primeiro tópico examinado, no qual aparece uma forma de consenso em torno dos produtos questionados, seu status em relação aos regulamentos antidoping, eficácia, posologia, outros consumos, necessidade de beber... Porém, quando as informações são divergentes (como no terceiro tópico), vê-se a capacidade de investigação dos internautas, confrontando suas experiências pessoais a avaliações científicas, duvidando da declaração dos médicos, enquanto questionam suas competências em matéria de doping, argumentando e contra-argumentando, mobilizando relatórios encontrados na internet...

[14]No sentido de "alcance de um argumento", definido por Chateauraynaud (2011).

Sem dúvida, os encarregados pela prevenção do doping teriam algo a dizer sobre essas conversas. Para refletir sobre os modos de intervenção, julgamos útil examinar sistematicamente as incertezas e suas modalidades de expressão. No entanto, ao longo de nossa investigação, pareceu-nos que a atividade epistêmica dos internautas indicava não só incertezas, mas também caminhos heurísticos decisivos.

4 O ESTUDO DOS FÓRUNS: O QUE ESTÁ EM JOGO?

De um ponto de vista sociológico, este objeto de estudo não é recente, mesmo que o programa de Dewey não envolva tantos pesquisadores quantos poderíamos pensar:

> A investigação tem relação com a dúvida. Isso implica certos corolários referentes ao fim da investigação, fim nos dois sentidos da palavra: fim visado e conclusão ou termo. Se a investigação começa na dúvida, ela se conclui pela instituição de condições que suprimem a necessidade da dúvida. Pode-se designar esse estado de coisas pelas palavras crença e conhecimento. [...] Eu prefiro as palavras "asserção garantida". [...] O uso dessa expressão, que designa mais uma potencialidade do que uma atualidade, requer que se reconheça que todas as conclusões das investigações particulares fazem parte de um projeto continuamente renovado, de um projeto em plena expansão. (Dewey, 1993, p. 63-66).

Ao propor esse encaminhamento da análise, esse trabalho permanente para resolver as incertezas, reatamos com uma tradição sociológica relançada na obra inevitável de Cicourel (1973). A exemplo do pai da sociologia cognitiva, tratar dos raciocínios supunha reunir um material ecológico frequentemente por meio de longas observações. Pensamos que o estudo desses fóruns atende a essa exigência na medida em que o pesquisador não intervém na coleta das mensagens. A ausência de artefatos semelhantes àqueles empregados quando se pesquisa usando questionários ou entrevistas

possibilita o acesso a raciocínios coletivos "em construção". Assim, pode-se considerar um programa de pesquisas que examinasse as figuras mais ou menos usuais quando se evoca o doping, determinasse as passagens entre experiências corporais e valores e analisasse as variações da atividade argumentativa na atividade epistêmica.

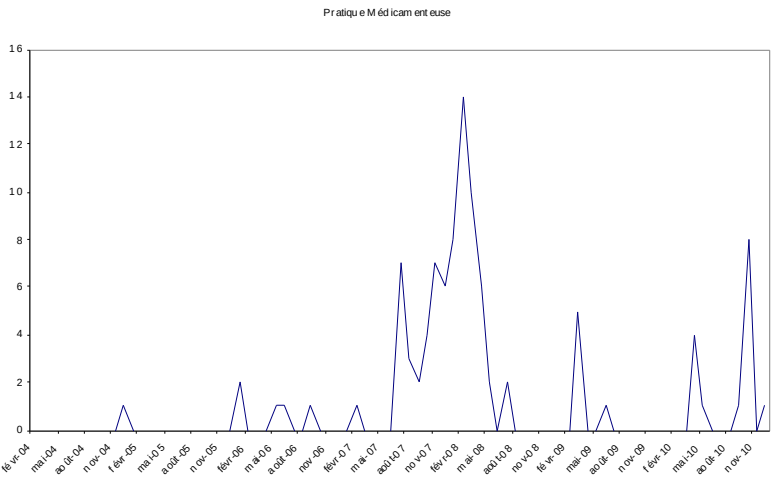
Dentre as demais questões sociológicas em jogo, desejaríamos estudar as formas de modalização do futuro. Ligada ao estudo das argumentações (CHATEAURAYNAUD, 2011), a análise das maneiras de convocar o futuro começa por se impor. É essencialmente o caso do estudo das controvérsias de antecipação na sociologia dos riscos: para criar um perigo e, portanto, lançar um alerta, é preciso anunciar um futuro (geralmente sob a forma de uma profecia) e, ao mesmo tempo, considerar as modalidades para evitar esse perigo: a vigilância, a urgência e o prazo são algumas das figuras cuja pertinência é discutida para gerir um risco (CHATEAURAYNAUD; TORNY, 2013). Mas se podem estudar também as polêmicas sobre o futuro do homem, como aquelas do caso Pistorius, sobre o doping genético ou sobre as bionanotecnologias (ADAM;TRABAL, 2013)[15]. No caso dos esportistas que escrevem nesses fóruns, analisar-se-iam os modos de convocação do futuro (por exemplo, a expectativa de um produto ou dos efeitos de um "tratamento", os perigos potenciais, o futuro da pesquisa médica, etc.), de relação com o passado e sua experiência para administrar as incertezas presentes e a correlação com as evoluções do esporte e do doping.

Além dessa problemática para as Ciências Sociais, que implica, de resto, outras disciplinas além da Sociologia (a Ciência Política, a Linguística, a Psicologia Social...), parece-nos que um trabalho mais aprofundado sobre os fóruns teria um valor heurístico sobre as próprias práticas dopantes. Começamos a identificar consumos, policonsumos, suspensões de tratamento, efeitos amplamente descritos... Porém, a referência a um produto pode tanto dizer respeito a considerações fisiológicas (quando se fala de "lactatos",

[15]ADAM, C.E.; TRABAL P.. Les performances controversées d'Oscar Pistorius en Athlétisme. *In*: COLLINET; C.; TERRAL, P.. Controverses en sport, 2013. (no prelo).

de "volume muscular"...) e a consumos (que se expressam principalmente por marcadores de posologias), quanto a discussões sobre o preço (para agrupar entidades como "preço" e "venda", criamos a categoria "lógica de mercado"), sobre os treinamentos associados (fala-se de "sessões", de "esquentar"...) e sobre os temores, percebidos por palavras como "medo", "preocupações", "angústia"... Nosso trabalho permite determinar as categorias associadas ao aparecimento dessas entidades no corpus e acompanhá-las ao longo do tempo. Assim, para uma determinada substância (clembuterol no exemplo a seguir), nossa metodologia permite determinar algumas propriedades interessantes:

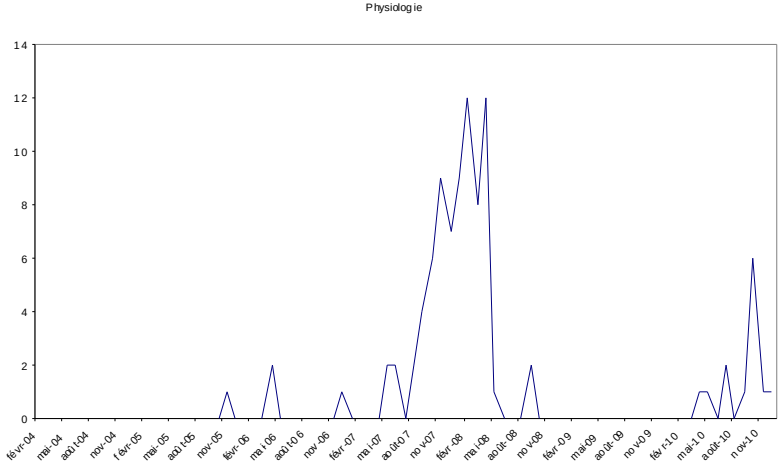
Gráfico 2 - Prática medicamentosa e meses



Fonte: Dados da pesquisa do autor

Os links com discussões sobre as práticas medicamentosas se revelam quase contínuos, contrariamente aos outros produtos (os picos das curvas correspondem a uma maior atividade do fórum).

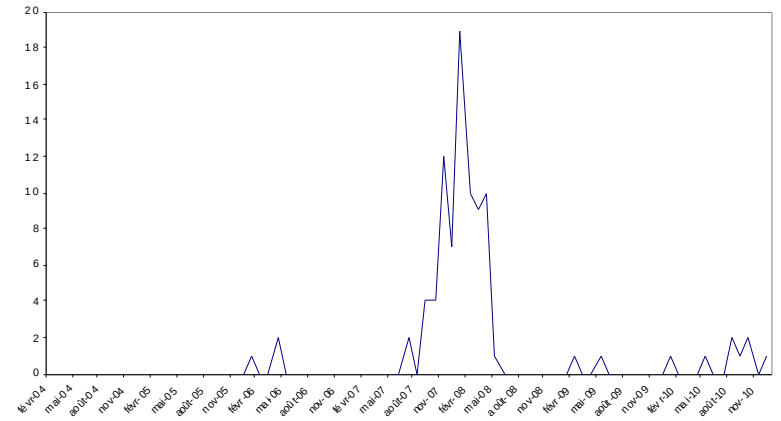
Gráfico 3 - Fisiologia e meses



Fonte: Dados da pesquisa do autor

A análise das conexões com os dados fisiológicos segue a curva anterior, o que não acontecia com os outros esteroides estudados.

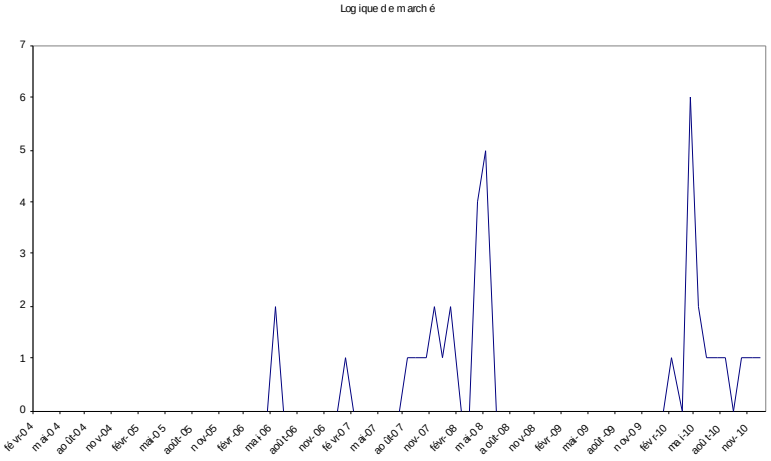
Gráfico 4 - Treinamento e meses



Fonte: Dados da pesquisa do autor

O pico corresponde a uma grande atividade do fórum em 2007-2008, mas a discussão sobre esse produto está menos ligada à categoria "treinamento" no período recente: seriam debates pouco relacionados aos casos pessoais envolvendo este produto, que o controle antidoping do vencedor do Tour de Francede 2010 acusou positivo?

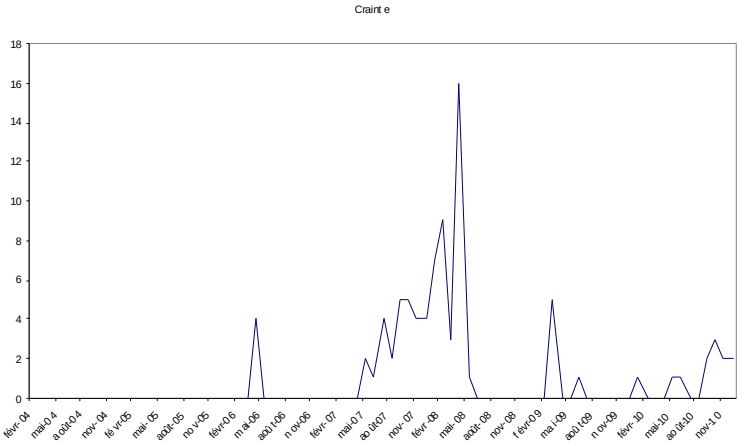
Gráfico 5 -Lógica de mercado e meses



Fonte: Dados da pesquisa do autor

Apesar do pequeníssimo peso desta categoria "lógica de mercado", causa surpresa que ela esteja essencialmente relacionada a esse produto no período recente - o que tende a infirmar a hipótese anterior.

Gráfico 6 - Temor e meses



Fonte: Dados da pesquisa do autor

O debate continua, mas as expressões dos temores se manifestam menos quando se fala desse produto do que as considerações econômicas ou fisiológicas.

Essas diferentes curvas não bastam para se concluir sobre o status do clembuterol. Mas, correlacionando-as a outros produtos, percebe-se que as condições de seu uso são regularmente discutidas e que as considerações econômicas em geral se fazem presentes. Pode-se então levantar algumas hipóteses, como a de que este produto estaria "na moda", visto que os internautas se questionam muito sobre como consegui-lo e utilizá-lo. Pode-se também imaginar que estão em busca de um produto "substituto" que ofereça uma melhor relação qualidade/preço. Para avaliar essas hipóteses, seria necessária uma análise mais aprofundada, que requereria uma colaboração com fisiologistas e especialistas na luta antidoping.

Além desse trabalho de exame dinâmico, nossas análises também apontam a existência de conhecimentos bastante aprofundados. É claro que nem todos os internautas dominam os detalhes do metabolismo, as questões fisiológicas em jogo nos

programas de treinamento, os grandes princípios médicos, mas o fato de que alguns tenham acesso a esse tipo de conhecimento basta para sustentar esse recurso. A possibilidade de investigação e de recorte oferecida pela internet (CHATEAURAYNAUD; TRABAL, 2006), ao alcance de um clique quando se participa de um fórum, reforça essa possibilidade de se informar, de encontrar soluções - cuja pertinência não estabelecemos - para os problemas levantados.

Contudo, essas possibilidades de investigação e de confronto de experiências não devem ocultar a existência de dúvidas, interrogações, questionamentos, que com frequência originam os tópicos e, às vezes, permanecem após as discussões. Vimos o quanto os efeitos secundários suscitavam preocupações. As questões sanitárias não são as únicas, todavia, que interessam aos internautas. Eles também se questionam sobre os tipos de controles, preocupam-se com as sanções sofridas no contexto esportivo, escolar ou profissional, manifestam sua curiosidade em relação a declarações lidas ou vistas na internet, na imprensa ou em clubes. As preocupações com a saúde nem sempre se revelam dicotômicas (existe um risco/ não existe um risco, eu me dopo/eu não me dopo), mas estabelecem lógicas de limites. Não tendo certeza sobre a ausência total de risco, eles vão frequentemente se esforçar para limitá-lo, interrogando-se sobre as doses pertinentes para não colocar sua saúde em risco demais, fazendo experiências com os produtos, assegurando-se da reversibilidade das doses e se esforçando para "fazer direito", isto é, tentando tirar partido, na medida do possível, de suas práticas dopantes.

Enfim, em um terceiro nível, nossos trabalhos podem informar aos especialistas em prevenção os raciocínios dos indivíduos, o que consideram comprovado e, portanto, o que os leva a se dopar, a renunciar a fazê-lo, a moderar suas práticas dopantes e a experimentar com uma possível reversibilidade, quando suas sensações ou as discussões os levem a suspeitar. Precisamente por constituírem um espaço de debate em que se expressam dúvidas, conhecimentos válidos ou não, experiências, argumentos antidoping e críticas, pensamos que os agentes da prevenção devem considerar

esses fóruns. Nossas investigações anteriores apontavam suas dificuldades para sensibilizar o público para as questões do doping, apesar do aumento de recursos e de redes. Vários deles nos confiaram seus apuros para "montar" uma ação de prevenção e, sobretudo, para mobilizar o público. Nosso trabalho sobre esses fóruns confirma que esse espaço reúne "espontaneamente" pessoas que querem falar e discutir sobre o doping e/ou sobre as modalidades práticas de consumo de produtos dopantes. Esses internautas começam, na maior parte das vezes, expressando questões e dúvidas - ressaltamos que inúmeros tópicos iniciavam por uma interrogação. Essa propriedade leva, mais uma vez, a considerar os fóruns não apenas como um campo de investigação sobre o fenômeno do doping, mas também como um excelente terreno de prevenção. Como havíamos identificado em nosso estudo sobre a prevenção (TRABAL *et al*., 2008, LE NOÉ; TRABAL, 2009), um dos objetivos maiores de uma ação consiste em refletir o alvo. Em nosso caso, esse público espontâneo já está construído a partir de uma reflexão comum. Assim, expressando muito prosaicamente nossa posição, defendíamos, no início deste projeto sobre os fóruns, a ideia de que "as coisas acontecem também ali" para mostrar aos responsáveis da prevenção do doping que havia um alvo desconhecido das ações habituais. Ao final de nosso trabalho, ficamos tentados a dizer: "é ali que as coisas acontecem", para salientar a qualidade bastante excepcional desse espaço para fazer prevenção.

5 Conclusão

Este primeiro trabalho sobre os fóruns da internet parece bastante promissor tanto do ponto de vista das Ciências Sociais quanto do conhecimento do doping e dos caminhos para organizar a prevenção. Independentemente de alguns resultados apresentados aqui, parece-nos possível organizar um programa de pesquisa que articule as questões científicas, sanitárias e políticas.

Considerando que esse material tem a propriedade bastante rara de poder ser enriquecido com um custo marginal muito pequeno

para o pesquisador, buscamos conservá-lo, criando um observatório como o da sociologia dos riscos[16]. Poderíamos assim dispor de indicadores mais refinados do que os disponíveis, que repousam geralmente em análises quantitativas ou puramente lexicométricas. Julgamos essa medida vantajosa para o pesquisador que deseja acompanhar as transformações de práticas sanitárias, para o especialista em doping, que poderá acompanhar as evoluções das discussões e dos consumos, e para os encarregados pela prevenção, que poderão assim avaliar os efeitos das políticas antidoping.

Parece-nos que outro modo de prosseguir este trabalho, enriquecendo-o, consiste em sistematizar abordagens comparativas. Estabelecemos recentemente uma parceria com colegas da sociologia da saúde para estudar se essas características dos tópicos de discussão sobre doping aparecem também em fóruns eletrônicos de pacientes ou internautas que discutem sobre outras práticas sanitárias. Por outro lado, seria interessante replicar esse tipo de trabalho em outros fóruns, particularmente em outras línguas. Considerem-se essas últimas considerações como um convite a novas colaborações.

[16]http://gspr.ehess.free.fr/documents/rapports/RAP-2007-Pesticides.pdf

Et s'ils voulaient athlètes dopés "bien faire les choses"?

Résumé: Cet article se présente comme une contribution à une sociologie du dopage en proposant une nouvelle approche. Il s'agit d'une part d'exprimer des réserves sur des sociologies qui réduisent les pratiques dopantes à des décisions individuelles ou à des conséquences de jeux de domination, pour assumer une complexité et une variabilité qui invitent à prendre pour objet les incertitudes des sportifs et les enquêtes collectives qu'ils engagent. D'autre part, onpropose une méthodologie issue des derniers développements de la socio-informatique pour analyser 244 417 messages laissés par des internautes dans des fils de discussions. Cette étude permet de saisir comment les sportifs peuvent douter, mobiliser quelques ressources pour lever leurs incertitudes, argumenter, disqualifier leurs adversaires en particulier lorsqu'ils sont médecins. L'article livre enfin quelques propositions et interroge les possibilités de construire une nouvelle métrologie permettant de saisir les évolutions des pratiques dopantes.

Mots-clés: dopage dans le sport. Informatique. sociologie

What if the sportspeople who practice doping wanted to "do it right"?

Abstract : This article is presented as a contribution to the sociology of doping, proposing a new approach. It is about, at first, expressing reservations on the sociology that reduces the practice of doping to individual decisions or to the consequences of games of dominance, to bear the complexity and variability that invite us to take as object the uncertainties of the sportspeople and the collective discussions they have. On the other hand, a methodology coming from the most recent developments of socioinformatics is proposed, in order to analyse 244.417 left by users of discussion lists. this study helps understand the way athletes can doubt, mobilize some resources to raise their uncertainties, argue, deprecate their opponents, especially when they are doctors. The last session presents some suggestions and questions on the possibility of creating a new methodology to capture changes in the practice of doping.

Keywords: Doping in sports. Informatics. Sociology.

REFERÊNCIAS

BESSY C. ; CHATEAURAYNAUD, F.. **Experts et Faussaires:** pour une sociologie de la perception. Paris: Métailié, 1995. 365 p.

BODIN, D. ; HÉAS, S. ; ROBÈNE, L. ; SAYEUX, A-S.. Le dopage entre désir d'éternité et contraintes sociales. **Leisure and society,** Oxfordshire, v. 28, v.1, p. 211-237, 2005.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L.. **De la justification**. Paris: Gallimard, 1991.

BRISSONNEAU,C.; BUI-XUAN-PICCHEDDA, K. Analyse psychologique et sociologique du dopage. Rationalisation du discours, du mode de vie et de l'entraînement sportif. **Staps** , Bruxelles , v.4, n. 70, p. 59-73, 2005.

BRISSONNEAU, C.. **Entrepreneurs de morale et carrières de déviants dans le dopage sportif:** Prises de position et témoignages vécus dans la médecine du sport et dans deux disciplines sportives, l'athlétisme et le cyclisme (1960-2003). Thése (Doctorat). Université de Paris X Nanterre, 2003.

BRISSONNEAU C.; AUBEL O.; OHL, F.. **L'épreuve du dopage :** Sociologie du cyclisme professionnel. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

BUISINE, S.. **Faire le métier de cycliste:** une sociologie pragmatique du travail dans le domaine sportif. 2009. 556 f. Thèse (Doctorat). Université Paris-Ouest Nanterre. Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives (STAPS), 2009.

BUISINE, S.. **Faire le métier de cycliste.** Paris: Editions Universitaires Européennes, 2010.

CHATEAURAYNAUD, F.. **La Faute professionnelle.** Paris: Métailié, , 1991.

CHATEAURAYNAUD, F.. **Prospéro:** une technologie littéraire pour le sciences humaines. Paris: CNRS, 2003.

CHATEAURAYNAUD, F.. **Argumenter dans un champ de force:** essai de balistique sociologique. Paris: Petra, 2011.

CHATEAURAYNAUD, F.; TORNY, D.. **Les sombres précurseurs:** une sociologie pragmatique de l'alerte et du risque. Paris: EHESS, 1999.

CHATEAURAYNAUD, F.; TRABAL, P.. (Ed.). **Internet à l'épreuve de la critique: les formes d'alerte et de controverse autour de la société de l'information :** Rapport remis dans le cadre du Programme " Société de l'information " CNRS - Appel à propositions de l'automne 2001. Paris: CNRS, 2006.

CICOUREL, A.. **Cognitive sociology:** Language and Meaning in Social Interaction. London: Penguin, 1973.

COLLARD, E.. Regard neuf sur le dopage sportif. **Esprit Critique:** Revue Internationale de Sociologie et de Sciences Sociales, Paris, v. 4, n. 12, p. 1-11, dec. 2002.

DESROSIÈRES, A.. **La politique des grands nombres:** histoire de la raison statistique. Paris: La Découverte,1993.

DEWEY, J.. **Logique:** la théorie de l'enquête. [1938, versão em inglês]. Paris: PUF, 1993. p. 63-66.

DODIER, N.. **L'expertise médicale:** Essai de sociologie sur l'exercice du jugement. Paris: Métailié,1993.

DULONG, R.. **Le témoin oculaire:** Les conditions sociales de l'attestation personnelle. Paris: Editions de l'EHESS, 1998.

DURET, P.; TRABAL, P.. **Le sport et ses affaires:** une sociologie de la justice de l'épreuve sportive. Paris: Métailié.2001

GASPARINI W., 2004, http://www.u_paris10.fr/servlet/com.univ.collaboratif.utils.LectureFichiergw?CODE_FICHIER=1301393245039&ID_FICHE=16238

LE NOE, O.; TRABAL, P.. Sportifs et produits dopants: prise, emprise, déprise. **Drogues, santé, société,** Quebéc, v. 7, n. 1, p. 191-236, 2008.

LE NOE, O.; TRABAL, P.. **La construction d'une expertise:** le cas de la prévention du dopage. Sciences de la société,Toulouse, n.77, p. 137 - 153, 2009.

PERERA, E.. **La production du body-builder**: ascèse, emprise et lien sectaire. Thèse (doctorat Sociologie). Université Paul Valéry (Montpellier), 2010.

RICOEUR, P.. **Temps et récit.** Paris: Seuil, 1983-1985. 3 v.

ROSENTAL, C. Les travailleurs de la preuve sur internet. **Actes de la Recherche en sciences sociales,** Paris, v.134, n.1, p.37-44, 2000.

TORNY, D.; TRABAL, P.. Le résumé de communication comme objet sociologique - Une analyse thématique, ontologique et littéraire à l'aide du logiciel Prospéro. In: DEMAZIERE, D. ; BROUSSEAU, C.; TRABAL, P.; VON METER, K.. (Ed.). **Analyses textuelles en sociologie.** Rennes: Universitaires de Rennes , 2006. p. 23-80.

TRABAL, P.. Le logiciel Prospéro à l'épreuve d'un corpus de résumés sociologiques. **Bulletin de Méthodologie Sociologique,** Paris, n.85, p. 10-43, 2005.

TRABAL P. (Ed.) *et al.* **Dopage et temporalité:** Rapport de recherche MILDT/ INSERM 01. Paris: U n i v e r s i t e P a r i s X. Laboratoire Sport & Culture, 2006. 284 p. Disponível em: http://ufr-staps.u-paris10.fr/medias/fichier/rapport-mildt-inserm-2001-trabal_1361289473308-pdf. Acesso em:

TRABAL , P. *et al.* (Ed.). **Recensement et évaluation des outils de prévention du dopage et des conduites dopantes**. Paris, 2008. 202 p. Disponível em: http://www.u-paris10.fr/servlet/com.univ.collaboratif.utils.LectureFichiergw?CODE_FICHIER=1247230335527&ID_FICHE=16238. Acesso em :

TRABAL, P. *et al.* **De l'analyse des forums Internet pour saisir les pratiques dopantes.** Paris : Minister des Sports : Université Paris Ouest, 2010. 245 p.

TRABAL, P. La perception du dopage. **Psychotropes**: revue internationale des toxicomanies et des addictions, Paris ,v. 8, n.3-4, p. 89-99, 2002.

Artigo escrito a convite da Comissão Editorial.

Endereço para correspondência:
Patrick Trabal
Groupe de Sociologie Pragmatique et Réflexive.
École des Hautes Études en Sciences Sociales.
Université Paris Ouest Nanterre La Défense.
200 Avenue de la République, 92000
Nanterre, França